Jornal do Domingo

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA

50 réis á entrega nas localidades onde houver correspondentes; nas outras localidades de

PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR:

Anno ou 52 numeros, 2$500 réis; Semestre ou 26 numeros 1$200 rs.; trimestre ou 13 numeros 700 rs.; avulso 60 rs.

ANNO II — 9 DE JULHO DE 1882 — N.º 20

GERENTE-PROPRIETARIO — AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO

Lisboa — Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

ASSIGNATURA

BRAZIL

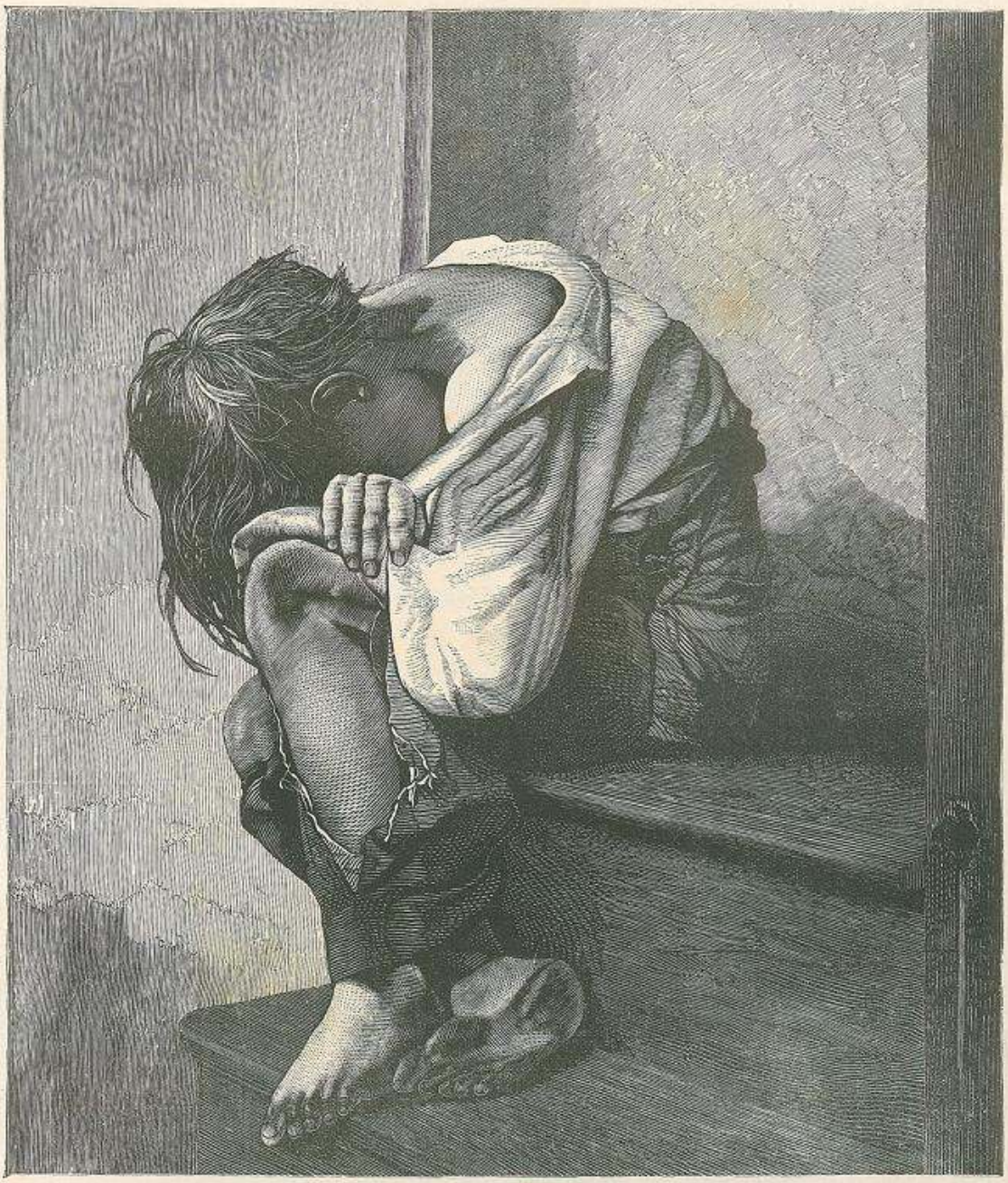
Anno ou 52 numeros, 7$000 réis; semestre ou 26 numeros 4$000 rs.; trimestre ou 13 numeros 2$000 rs.; avulso 200 rs.

São agentes da empreza no Rio de Janeiro os srs. **Lino & Faro,** Rua do Ouvidor.

SUMMARIO

GRAVURAS: — Chorando a morte da mãe. Uma familia russa. O cordeiro morto. Em perigo de morte (gravura do romance.)

TEXTO: — Actualidades, por M. Mesquita. As nossas gravuras. O realejo, por Cypriano Jardim. Alexandria, por João Tedeschi. Historia da Patti debaixo da cama, por Julio Cesar Machado. Um passado tenebroso.



CHORANDO A MORTE DA MÃE

ACTUALIDADES

Sente-se, ao longe, o murmurio das praias.

Como as andorinhas, procurando nos climas temperados o morno ambiente para os ninhos, abandonam as velhas habitações, que retomarão mais tarde, as nossas mulheres, desertam.

Como no vasto azul do ar, abrindo as azas curvas e esguias, em forma de navalha hespanhola, as primeiras, apparecendo, nos annunciam a primavera, o ar brando e morno; as ultimas, annunciam-nos, aos grupos pelos asfaltos, envoltas nas adoraveis curvas dos seus *pompadour*, o verão com todos os seus horrores d'asphixia, o forno, os caniculares.

Parecem combinar como as andorinhas a partida: andam alegres, vivas, palradoras, como aves por entre a folhagem fresca dos arvoredos.

Começam a desapparecer. Nos ultimos tempos de theatro, raras vezes, no fundo negro dos camarotes, se desenhava correcto, em plastica, o seu perfil delicado.

Começava a nostalgia do campo; trocavam-se intimamente as estufas cortezãs de Manim, pelas altas montanhas escarpadas, as varzeas e quintas em lona, pelo fresco relvoso dos parques, pelas charnecas duras, aridas, agrestemente floridas.

A nostalgia do campo é justamente o que eu sinto: a esta hora, leitor, tu que não podeste ainda quebrar a forte cadeia dos deveres indeclinaveis, prezo entre os muros da rainha do Tejo ex-aurifero, deves sentir necessariamente o mesmo.

A fome, a sede, da luz, do ar fresco dos salgueiraes, da agua limpida, das ribeiras, da simplicidade rustica das camponezas, dos seus ditos finamente maliciosos, do páu ferrado, do largo chapeu raiano, da perdigueira, do album, das paisagens luminosas, da vida, emfim.

Não vos riaes, vós outros, ó *dandys* de *biscuit*, ó D. Juans de encommenda! acima da vida que se alimenta com o ar dos *passeios*, os *filets de bœuf*, os *champignons*, o requebro na cadeira do theatro, os *courses*, as *cocottes*, ha uma outra que arruinaria os vossos estomagos amostardados, as vossas pernas sem musculos, mas que vos alargaria o thorax, vos daria sangue para o cerebro e ideias, comprehendeis—ideias—umas coisas, que ha homens que têem, mas coisas que se não vendem no Marrare, ou no Baltresqui.

Não vos riais, vós, tambem, pobres Julietas de pó d'arroz, carmim e alface.

Magoam menos as ferroadas dos insectos do que as blandicias lisongeiras dos vossos salões; a belleza revela-se mais francamente no modesto vestido; os dentes aliados dos tojos e mattos são menos perigosos de pisar do que os languidos pêllos, as felpas langurosos das vossas alcatifas.

Para antepor ás gargantas das prima-donas, tendes os rouxinoes: escutae-os, á noite, quando a agua soluça nas quebradas, a lua pratea as varzeas e o aroma agreste dos trevos e madresilvas embalsama o ar; escutae-os e ouvireis se garganta humana cantou, mais docemente, as eternas canções do amor, em palco mais gigante, mais rico, mais voluptuoso!

As mulheres desertam; os deuses vão-se.

O nosso olhar cançado de procurar, por ruas e *squares*, as esculpturas primorosas dos perfis peninsulares, envoltos no véu *agaçant*, do vedado, do intangivel, atira-se, desorientado, enroscando-se pelas curvas aereas das cancanistas, como caule de hera que se abraça aos troncos dos carvalheiros antigos, firme, audaz.

Os *Recreios* começam, incontestavelmente, a modificar a nossa vida pacata.

Lá dentro, a opera burlesca, com toda a frescura condizente com a estação, opera barata, bem cantada, facilmente accessivel: cá fóra, na esplanada, cançonetas que são sorvetes, mezas guarnecidas de homens e mulheres (horror!), que conversam, tendo-se encontrado ha horas, como bons amigos, amigos velhos, com gargalhadas francas, estridentes, de quem está á vontade, em sua casa, no cavaco mais natural do mundo.

Isto em Lisboa no anno da graça de 1882, com um congresso catholico a dois passos, sermões pelas egrejas... Estamos perdidos!

É porém o que nos vale, n'estes dias que vão correndo, em que sobre nós pairam como aves sinistras, as sombras dos grandes revolucionarios.

E bom refrescar os vulcões latentes com um cópo de cerveja e amenizar o aspero cortante das frazes dos Desmolin, com uma cançoneta, que peça a *lanterna* não para armar a forca, mas para armar... ao *effeito*.

Envolve-nos um meio asphixiante, que dá vagamente ao olfato a sensação remota do odôr styptico da dynamite explosindo. Pelas praças e lupanares ha como o surdo vozear das tormentas, os roncos precursores dos grandes cataclismos!

Está-se sobre um abysmo.

De semana os *Recreios*, ao domingo, os touros, eis o que nos vale.

Se eu podesse fazer um quadro allegorico da semana que passou, pintal-o-hia assim:

Ao fundo, uma praia, na hora do banho, cheia de figuras de mulheres, de banhistas; muito movimento: no segundo plano, d'um lado muito dinheiro pelo chão, homens soccando-se, outros discursando sobre barris, barretes phrygios, espingardas, etc; do outro lado uma esplanada, mulheres sentadas sobre mezas, de copo em punho, cantando, ou dançando; e no primeiro plano, ao centro, Roberto da Fonseca, exhibindo na elegancia de primoroso artista, de inexcedivel toureiro, um arriscado e *saleroso quiebro*.

M. Mesquita.

AS NOSSAS GRAVURAS

Chorando a morte da mãe

Muito melhor do que a nossa humilde prosa traduzem o sentimento d'esta gravura os seguintes versos do actual ministro do reino, o exm.º sr. Thomaz Ribeiro:

Ai, que tristeza a minha! ai, que soidão profunda!
Pranto, estou só, és livre! irrompe, suavisa, inunda
O rosto contrahido, o seio... esse vulcão
Que se accendeu cá dentro, e abraza o coração!
. . . . . .
. . . . . .
Um dia minha mãe disse-me:
— «E's triste, filho!
Não fallas, não sorris, teus olhos não tem brilho!
Escutas sem ouvir, olhas, não vês ninguem,
E não vens acolher-te ao seio de tua mãe!...
A cada teu lamento, o pobre aqui responde!
Procura-o, que te espera! e vê como te esconde,
E te consola, e anima!...» —
Ai! vêde o que é ter mãe!
Quem dizo que ella diz? Ninguem! ninguem! ninguem!
Aquelle amor celeste... o seio... ai! nada existe!...
A minha mãe morreu!... Não tenho onde ser triste!...

Uma familia russa

O pintor francez Adolfo Yvon, natural de Eschwiler (Mosella), discipulo de Paulo Delaroche, fez em 1843 uma viagem á Russia, d'onde trouxe grande numero de desenhos, entre os quaes figura o que hoje publicamos.

Não é necessario fazer notar a expressão rude do homem, a physionomia graciosa e encantadora da mulher e da creança. O contraste é frisantissimo; salta aos olhos de todos, e o trabalho de Adolfo Yvon é reputado de primeira ordem.

Parece que no imperio dos Czars a auctoridade marital manifesta-se ás vezes por uma fórma excessivamente energica; mas as mulheres não se queixam, e segundo a opinião de Montesquieu, até gostam de apanhar a sua conta, porque é prova de que possuem o coração dos maridos. O illustre escriptor apresenta-nos uma carta, que certa senhora russa escreveu á mãe. Transcrevemol-a, porque é na realidade curiosa:

«Minha querida mãe.

Sou a mulher mais desgraçada do mundo; tenho empregado todos os meios, todos os esforços para que meu marido me ame, e nunca pude conseguil-o. Tinha hontem muito que fazer em casa; sahi e passei fóra todo o dia; julguei que, quando voltasse, meu marido me desse uma boa tunda; enganei-me, não me disse uma unica palavra.

Minha irmã, sim; essa é que é feliz, é tratada de um modo muito differente: o marido chega-lhe todos os dias! Por isso é que ella é tão orgulhosa; mas eu lhe abaterei a proa; dentro em pouco não ha de ter motivo para desprezar-me.

Tenho resolvido fazer com que meu marido me ame custe o que custar; hei de moel-o, zangal-o, desesperal-o a ponto, que ha de ser obrigado a manifestar-me o seu amor. Não se ha de continuar a dizer que não levo pancada, e que vivo dentro de minha casa sem ninguem pensar em mim.

Ao menor piparote, que elle me der, desato a gritar como doida, para que todos pensem que somos dois conjuges amicissimos um do outro...

Peço-lhe muito, minha querida mãe, que escreva a meu marido censurando o modo infame, indigno porque me trata. Meu pae, que era homem honrado e de juizo, não procedia assim.

Lembro-me de que, quando eu era pequena, muitas vezes me parecia que elle era muito seu amigo. Ainda soam nos meus ouvidos os seus gritos de satisfação, quando as provas de carinho e amizade eram eloquentes.

Acceite um abraço da

Sua filha

Olga.»

Agora duas palavras sobre a Russia em geral.

Quasi toda a gente suppõe que os homens submettidos á auctoridade do Czar constituem um só e o mesmo povo. Não é assim. Entre o russo propriamente dito e as outras raças, que occupam o territorio do vasto imperio, ha differenças profundissimas no tocante á origem, lingua, religião, physionomia, alimentação, vestuario, em tudo finalmente o que serve para caracterisar uma nacionalidade.

Na distribuição, feita pela natureza, das qualidades d'esses differentes povos, não foram os russos os menos favorecidos. O seu corpo robusto, capaz de passar, sem perigo, do frio mais intenso para o mais excessivo calor, dá-lhes a faculdade de suppor-

tar ladigas e trabalhos, a que inevitavelmente succumbiriam homens menos vigorosos. A grande extensão do seu paiz fornece lhes tudo o que lhes é necessario. Se as colheitas escasseiam aqui, são abundantes acolá. E' portanto quasi impossivel que haja fome na Russia, porque uma região suppre ás necessidades da outra.

Os russos desconhecem a melancholia; os cuidados, que atormentam e consomem, não se casam com a sua indole folgasã; gozam do presente com alegria, e desprezam as pequenas contrariedades da vida; riem sempre, até na escravidão, e facilmente se deixam transportar nas azas da phantasia.

Longe de odiarem o estrangeiro, uzam para com elle de toda a amabilidade. Não o ridiculisam, se falla mal a sua lingua; pelo contrario, prestam-lhe auxilio para encontrar as palavras, que lhe faltam, e, como possuem um talento especial para a pantomima, comprehendem com grande facilidade todos os gestos e signaes. Um viajante, que esteve na Russia por differentes vezes, exprime-se do seguinte modo: se qualquer estrangeiro lôr ao mercado sem saber uma palavra de russo, póde por meio de signaes comprar tudo o que quizer, e pelo preço que lhe convier.

Os russos são um povo respeitavel por sua intelligencia, coragem e levantadas aspirações, e oxalá que o terrivel drama, que actualmente desempenham no theatro da Europa, tenha em breve desenlace satisfatorio para todos os que amam com fervor as ideias de progresso e de liberdade.

O cordeiro morto

Quem olhar para a nossa gravura não póde deixar de vêr uma scena tocante, e uma demonstração do grande poder, que tem a arte, quando exprime sentimentos verdadeiros, quando se inspira da fonte purissima e inexgotavel da natureza.

A dôr, que afflige essas duas creanças, é facilmente comprehendida por todas as pessoas, que tiveram e perderam um pintasilgo, um cão, um gato, um animal qualquer nascido e creado em casa, que se affeiçoa ao dono, e que é por elle estimado como amigo.

As pobres rapariguitas iam contentes, satisfeitas dar os bons dias a um cordeirinho que era o seu amor. Esperavam que elle viesse aos pulos receber-lhes a visita, e encontraram estendido, morto o objecto dos seus carinhos, o inseparavel companheiro de suas brincadeiras e passeios, o *enfant gâté*, a quem davam de comer por suas proprias mãos, e que enfeitavam aos domingos de fitas e de flores.

Coitadinho! Tão brincalhão! tão vivo! tão esperto! Agora alli jaz immovel, com os olhos mal abertos, o corpo enteiriçado! E ellas, que o estimavam, como se fosse um irmão pequeno, choram de saudade, não se conformam com a ideia de que não mais lhe tornarão a ouvir o alegre balido quando as avistasse ao longe, nem o tornarão a vêr brincar entre as hervas mais crescidas do prado. A terra, que o alimentou durante a vida, brevemente se abrirá para o receber depois de morto!

Ah! Lembremo-nos dos nossos tempos de infancia, em que a amizade de um papagaio ou de um canario nos enchia completamente o coração; lembremo-nos do desgosto que nos causou, já depois de sermos homens, a morte de um d'esses animaes domesticos, e havemos forçosamente de commovernos deante do espectaculo, que representa a formosa gravura.

O DOMINGO DOS BEBÉS

O REALEJO

(Conclusão)

No dia seguinte, quando ouviu o realejo, Luiza desceu com a creada que levava o irmão, e poz-se, na porta da rua, a fazer signaes, a chamar a attenção da mãe e da filha que olhavam para cima, á espera que a janella se abrisse...

E, quando os pobres a viram, chamou a pequena, e deu-lhe um embrulho de roupa.

— Eram vestidos velhos, d'ella e do mano... — que os pedira á mamã para ellas... para o menino.

E, sahindo á rua, foi beijar a creança que estendia os bracitos, contente, com umas leves côres rosadas no rosto emagrecido...

Depois chamou a Thereza: que trouxesse o mano ao menino pobre, para lhe dar um beijo...

A Thereza não queria; estava tão enxovalhada a creança!...

E Luiza, n'uma furia terrivel, pegou do braço do irmão, e levou-o ao pobresito, coitadinho!...

— Que havia de dizel-o á mamã!... A Thereza era muito má! uma tola!

A mãe, na janella, chorava ao vêr o que a sua Luiza fazia...

Uma boa rapariga!

. . .

Depois que a mulher das creanças viera debaixo da janella as duas ou tres primeiras vezes, o pae de Luiza, commerciante de productos de Africa, julgando ver n'aquella protecção da filha pela familia da rua, um gosto decidido de Luiza pela musica do realejo, comprára-lhe um, muito bonito, de pau preto, com embutidos e rendilhados, por onde se via a seda encarnada que cobria os canudos... Um bom presente!

Luiza esteve um dia inteiro a dar voltas á manivella, mas, por fim, viu que aquillo era sempre o mesmo; aborreceu-se...

O irmãosito, esse, estendido sobre o tapete, ao principio muito attento, muito extasiado, esse adormecêra no fim de meia hora.

No dia seguinte nenhum d'elles pensou mais na caixa de musica, que lá ficou para um canto abandonada, toda coberta de pó...

Havia, portanto, na pressa de Luiza em dar esmola á mulher pobre, outra coisa que não era a vontade de ouvir o realejo. Era outra coisa...

Era a caridade inata nas creanças, o bom sentimento de dó por aquella mãe... que mandava vir filhos de França, para a consolarem na sua pobreza...

O realejo não valia... era preciso dar o vimtem todas as vezes que elles viessem... mesmo sem o realejo...

. . .

Mas, um dia, mudou tudo...

O pae de Luiza vio-se de um momento para o outro, arruinado, perdido, por se ter afundado no mar uma carregação inteira, que não vinha segura.

Foi uma desgraça completa.

Aberta a fallencia, o homem honrado, offereceu ao credor, tudo quanto possuia; moveis, pratos,, roupas, tudo o que havia em casa, e começou logo, na sua coragem do trabalho, a procurar uma trapeira, um buraco qualquer onde se mettesse, para começar de novo, de baixo, d'onde começára ha vinte annos.

E os trastes, as pratas, as roupas foram sahindo de casa, em quanto a mãe de Luiza, com o irmãosito nos braços, e a pequena muito cosida com ella, via aquelle reviramento da sorte, aquelle desmoronamento da vida, com uns olhos já cançados de chorar... agarrada aos filhos...

. . .

De repente ouviu-se na rua o realejo.

Luiza teve um sobresalto, olhou para a mãe... e ficou-se...

— Tens razão, filha! Deixal-os ir! Já não lhes pódes dar nada!... agora... agora somos tão pobres como elles!...

— Pois consola-te comnosco, mamã!... como faz a mulher pobre!...

A mãe sorriu se tristemente.. d'aquella terrivel logica da creança... Era o castigo da sua falsa affirmação...

E os moveis iam sahindo sempre; as mesas, os espelhos, os sofás, o realejo...

— Mamã, disse Luiza; o realejo tambem?

— Tambem, filha!... Tudo! tudo!...

— Olha, mamã! Vou pedir áquelle senhor que não leve o realejo!

— Porquê?...

— Porque, agora que somos pobres, mettemos o mano n'uma caixa, como o filho da mulher, e vamos por ahi fóra com elle... Ha de haver meninos ricos que nos dêem alguma coisa...

CYPRIANO JARDIM.

ALEXANDRIA

Desde a sua fundação por Alexandre de Macedonia, Alexandria tem sido o theatro de acontecimentos extraordinarios, em todas as grandes crises da historia. O conflicto dramatico dos povos e das raças, a lucta das ambições e dos interesses, o embate das religiões e das philosophias patenteou-se n'aquella scena em todas as épocas de renovação. A' luz do bello sol do Mediterraneo viram os seus muros desembainhar a espada dos illustres conquistadores e dos mais famosos generaes. Tão celebre na historia antiga, como na historia moderna, muitas vezes o Oriente e o Occidente se encontraram alli no fluxo e refluxo das suas correntes oppostas; e os imperios europeus digladiaram em cem batalhas n'aquelle campo e n'aquelles mares a primazia do seu dominio. A sua posição geographica explica os seus destinos.

Collocada quasi ao fundo do Mediterraneo, caminho militar da Syria, passagem maritima da India, estação commercial e naval do Levante, sentinella avançada da Africa Oriental e Septentrional, ádito do Egypto, e do valle do Nilo, d'esse rio tão sagrado como o Ganges, e tão legendario como o Rheno, Alexandria é realmente o centro onde a Asia, a Europa e a Africa convergem por diversos caminhos. Depois da abertura do canal de Suez, este ponto central assumiu uma nova e maior importancia.

A excellencia d'esta posição não escapou ao genio de Alexandre, seu fundador, que anteviu o futu-

rô, e que primeiro do que nenhum outro quiz realisar pela espada a unificação da humanidade. Ideal grandioso que as sciencias, as philosophias e as religiões preparam, e procuram realisar por outros meios, encontrando não menores obstaculos do que a espada dos conquistadores! D'estes multiplos esforços resulta não a unidade impossivel, mas a approximação fecunda.

Os Ptolomeus, successores de Alexandre, fizeram d'esta cidade um emporio da civilisação e das artes.

Julio Cesar, procurando salvar a vida do seu rival Pompeo que, depois de vencido em Pharsalia se refugiára junto-ao rei do Egypto, passou a este paiz; e rendido aos encantos da bella Cleopatra, irmã de Ptolomeu, conseguiu collocal-a no throno dos Pharaós. Depois da morte de Cesar, o triumviro Marco Antonio apaixonou-se loucamente pela formosa rainha; mas achando-se em lucta com o seu collega Octavio, este, apoiado no senado, enviou uma esquadra a Alexandria para submetter Antonio. A esquadra egypcia foi derrotada na batalha de *Actium*. Marco Antonio suicidou-se; e Cleopatra para não seguir em Roma o carro do triumphador envenenou-se, deixando-se morder por uma vibora. O Egypto passou então á dominação romana.

Alguns seculos mais tarde, porém, uma mulher tão bella como era Cleopatra, e revelando na fronte inspirada toda a pureza da sua elevada idéa, ensina-

UMA FAMILIA RUSSA

va na cadeira abandonada pela morte de Plotino, a uma mocidade enthusiastica e embriagada de ideal, a philosophia platonica, que ella fôra beber a Athenas.

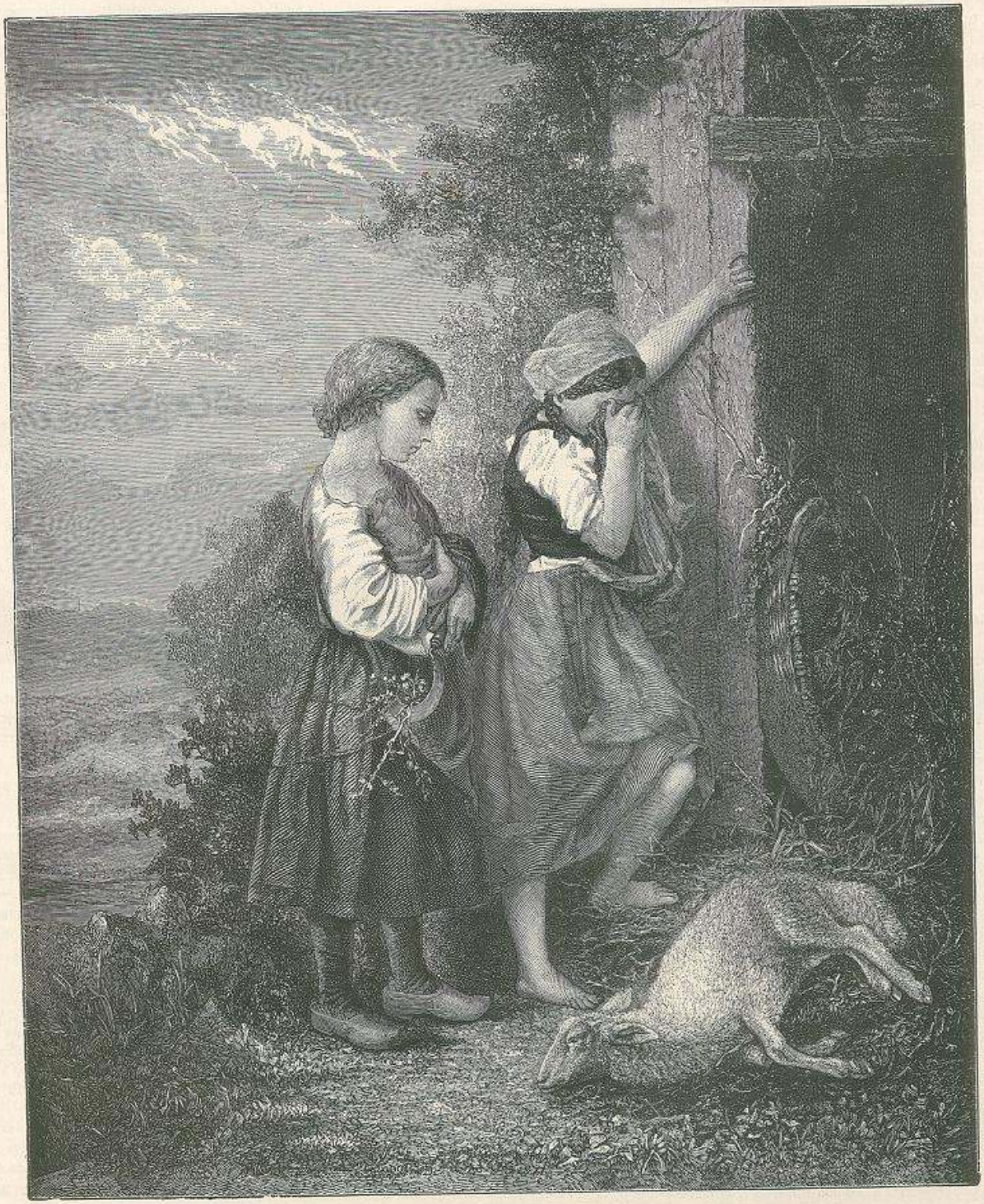
Dos labios virginaes de Hypathia destillava-se o mel da sabedoria da antiga Grecia; mas a Egreja triumphante via com surda irritação passar nas ruas

de Alexandria, entre as ovações dos seus discipulos, o carro glorioso da joven sacerdotisa.

Um dia uma turba de fanaticos e de monges ignaros arrastou-a do seu carro ao templo de Cesarium, instigados pelo perfido aculeo da intolerancia religiosa, destruiram passados annos os restos da famosa bibliotheca de Alexandria, que no tempo de Julio Cesar, no meio de uma sedição militar, havia sido destruida em parte. Os arabes perpetraram este acto de violencia contra as riquezas accumuladas do espirito humano, quando o exercito de Omaar conquistou a cidade.

O general Bonaparte, afagando já o sonho da monarchia universal, e preparando-se para attacar o dominio inglez na India, fez a expedição do Egypto e apoderou-se de Alexandria depois de um combate, que tantas batalhas mais ruidosas fizeram esquecer depois. Onde Alexandre fundára uma cidade com o seu nome, e onde Julio Cesar erguera o throno da filha e irmã dos Ptolomeos, não podia deixar de passar o maior genio militar dos tempos modernos, que procurava imitar os seus grandes antecessores, e que nutria a mesma ambição incommensuravel. O combate naval de Aboukir veiu frustrar os dilatados planos do heroe, quando o seu exercito se encontrava já na Syria, depois da famosa batalha das Pyramides.

Desde essa época, o Egypto tem sempre acompa-



O CORDEIRO MORTO

e alli offereceu em sacrilego holocausto á victima do Calvario o corpo martyrisado da formosa inspirada.

De perseguidos os christãos tornavam-se perseguidores. O antigo paganismo acabava assim atrozmente mutilado na sua personificação mais pura e mais bella.

Outros fanaticos, em nome de diversa crença,

nhado os destinos da Turquia, exceptuando o momento em que Mehemet-Ali, querendo regenerar o seu paiz, concebeu talvez a esperança de collocar na sua cabeça a corôa dos Kalifas, e o exercito egypcio commandado por seu filho Ibrahim se apossou de toda a Syria. A diplomacia occidental impediu a realisação d'este projecto, para não accelerar a ruina do imperio ottomano. De então até hoje essa diplomacia, cada vez mais preponderante nos negocios do Egypto, chegou a collocar sob a tutella anglo-franceza a administração d'esse paiz, detestavelmente governado.

Arabi-pacha, primeiro ministro do actual Khediva, querendo reagir contra essa tutella, e talvez estimulado por influencias europeas adversas, deu um golpe de estado, excluindo da ingerencia no governo os representantes da Inglaterra e da França. A Inglaterra, vendo ameaçados gravemente todos os seus interesses no Oriente, procedeu energicamente, ordenando o bombardeamento de Alexandria.

Será este acto o prologo de novas guerras, de porfiadas luctas, de sanguinolentas collisões entre os grandes imperios?

A Europa silenciosa e attenta escuta com sombria inquietação, e de arma ao hombro, os rumores presagos que lhe traz o vento do Levante; e os eccos longinquos dos canhões do almirante Seymour repercutem-se em todos os angulos de S. Petersburgo a Gibraltar, com a indistincta e surda vibração da tempestade que se avisinha.

JOÃO TEDESCHI.

HISTORIA DA PATTI DEBAIXO DA CAMA...

Ha varios Strakosh no mundo, mas ha um só verdadeiro para os grandes casos; é o Strakosh da Patti. É tão singularmente sagaz, que, fazendo profissão de descobridor, e sendo cunhado da Adelina, nunca teve empenho em descobrir a Carlota. É verdade que a Carlota, sendo côxa, do que mais precisava era de quem descobrisse uma opera para ella, opera em que uma côxa fosse a heroina. Isso descobriu elle: encommendou uma *Mademoiselle de La Valière* a Dumas pai, e no dia dos annos da Carlota fez-lhe presente do *libbreto*.

Ella ficou tão contente, que, apesar de côxa, poz-se a dançar... com a outra!

A côrte amorosa que o de Caux fez á Patti, desde 1864, espantou um pouco esse Strakosh, que até então nutrira a idéa de que a *diva* vivesse exclusivamente para a musica e não quizesse attender a nenhum *sire* senão ao de Ravenshood, na *Lucia de Lamermoor*. Mas o sire de Caux, que a adorava sem musica e sem delirio, fez-lhe perceber que não seria necessario qualquer fim tragico, e Strakosh, mercê do andamento das coisas cada vez se espantou mais de que o sire da Normandia, apesar das *cauchoises* serem celebres pela formosura e pela singularidade do penteado, recorresse a uma italiana para lhe armar o penteado, a elle! Tudo isso, creio eu, o afastou cada vez mais da que fôra invenção sua e seu idolo.

Fôra elle proprio, casualidade celebre, fôra elle proprio, que apresentára a Adelina o marquez, instando porque ella fosse o mais graciosamente amavel para com esse gentilhomem, que, n'aquella época, era *ecuyer* da imperatriz, e tanto em moda, que sempre era elle o escolhido para dirigir o *cotillon* nos bailes das Tullerias. Strakosh, que não via n'este mundo senão a Patti, presentiu no de Caux o melhor *claqueur* do segundo imperio da França, um «claqueur» *apud imperatorem*, e aquella idéia logrou então que elle se seduzisse mais do marquez, do que nunca a marqueza se seduziu depois de seu marido...

Ouvil-a cantar e alcançar aos eleitos da fortuna a ventura de a admirarem, foi, por muito tempo, o sonho e o extasi d'esse fanatico, que durante annos ninguem soube affirmar se era simplesmente um empresario, se um musico, se um cunhado, se um amante em perspectiva.

Pobre Strakosh! Não; elle não era, nunca foi nada d'isso. Era um Carnioli burguez, menos artista e menos excentrico do que o da *Dallila*, mas tão fanatisado como elle...

Quando a hoje celebre Patti era mocinha, de uma occasião, em Nova-York, o Strakosh perguntou-lhe:

— Queres ouvir cantar a Alboni?

— A Alboni! exclamou a pequena. Se quero! É um prodigio essa Alboni, não é? É um assombro, é um phenomeno?...

O Strakosh empallideceu.

— Um prodigio... Um assombro... Sim. Ella é isso. Mas tu és mais assombro, e mais phenomeno, e agora mesmo, ao ouvir-te isso, mudei de idéia; não has de ser tu que vás ouvir a Alboni, ha de ser a Alboni que ha de vir ouvir-te a ti!

Dito isto, pegou de uma escova, sacudiu um pouco o pó do fato, poz o chapeo, beijou a estrella, *la stella*, e sahiu...

Foi d'alli direito atirar-se ao seio da Alboni. Heroico mergulho! O mar não seria tão vasto!

— Condessa, disse-lhe. — Uma prece!

A Alboni deu-lhe um sorriso, como a animal-o a pedir-lhe tudo, menos o conde Pepoli, seu marido, a prenda n'este mundo que ella mais agradecia a Deus.

— Venho pedir-lhe instantemente a mais amavel das graças. Que se digne visitar uma discipula minha, uma creança, um sonho, um anjo, mas o anjo mais afinado de quantos anjos ha, o mais digno de cantar entre os seraphins, o que Deus retarde por muitos annos, o mais capaz de suscitar invejas aos cherubins de primeira classe da côrte do céo, se ouvissem a frescura encantadora d'aquella voz, e os gorgeios deslumbrantes de seu canto puro e limpido.

— Strakosh! ponderou a Alboni. Vamos ser dois a admiral-a. Vou convidar meu marido...

— Oh! Não! implorou o mestre da Patti. Da primeira vez isso intimidal-a-hia demasiado. É uma creança, tem vergonha de cantar, por emquanto, como que pede perdão de ser sublime e quer esconder a sua superioridade. Digne-se ir sósinha; sósinha mesmo, quem sabe, quem adivinha, quem calculará nunca o milagre que se alcança se eu conseguir que ella cante para a condessa a ouvir! E depois a idéa da Alboni, a gloriosa Alboni, vai augmentar-lhe os medos...

— És tu que tremes, Strakosh! Verás como tudo ha de sahir bem... Partamos!

O conde Pepoli atirou um chale para cima dos amplos hombros de sua mulher; e a Alboni partiu com Strakosh na carroagem d'elle.

— Vamos então ouvir, perguntou o famoso elephante que tinha um rouxinol na garganta, para não deixarmos de dar á Alboni este titulo consagrado pela tradição e attribuido ao chiste da famosa M.me Emilie de Girardin; vamos então ouvir uma das tuas discipulas, caro Strakosh, uma competidora, uma rival que vai talvez fazer com que se esqueçam de mim... Não é muito amavel convidar-me para o antegosto da minha derrota... É bonita?

— É melhor do que isso.

— Olha que isso não é mau, ser bonita!

— Bem sei, mas ella é melhor que bonita.

— Onde desencantaste esse thesouro?

— No fundo... de uma familia! Quatro irmãos, tres raparigas uma chamada Carlota, outra Adelina, outra Amelia, que é minha mulher.

— São as filhas da Barili e do tenor Salvador Patti?

— Perfeitamente.

— E é a tua esposa, que vou ter o gosto de ouvir?

— Não, condessa. É minha cunhada Adelina!

A carruagem parou.

— Chegámos! disse Strakosh, offerecendo a mão á Alboni.

A Patti era n'esse tempo effectivamente ainda creança; mas, porque já lhe houvesse crescido o corpo o quanto tinha de crescer, e porque mais tarde ella se conservasse creança sempre, podemos considerar que seria então, com pouca differença, o que é hoje, que tem trinta e nove annos: puro milagre! Em Lisboa os velhos *dilletanti* reivindicam para Portugal uma especie da gloria em que haja sido durante a estação lyrica de S. Carlos que a Barili concebesse o prodigio que devia ser o deslumbramento do mundo inteiro pela maravilha da sua voz, não ainda assim aos primeiros vagidos... mas aos segundos, aos que soltou no theatro, n'esse mesmo theatro de Nova-York de que n'aquella epoca este mesmo Strakosh era o emprezario. O que está averiguado, todavia, é que a Patti nasceu em Madrid em 1843. Foi no verão? Foi no inverno? Ali pelo anno bom? Já perto de S. Silvestre? *Non lo só*. Nem que o soubesse o diria. Quando não podem tirar-se annos a uma mulher, a cortezia ao menos é deixar os mezes no vago...

Feita a apresentação da aurora ao meio-dia, da pequena Patti á grande Alboni, aquella que foi, apezar da sua estatura rebelde ás graças de um papel de vivandeira, a mais deliciosa *Filha do Regimento* que o Donizzeti haveria sonhado, beijou ternamente a que é hoje marqueza de Caux ou ex-marqueza de Caux, e pediu-lhe, e insistiu, e renovou por muitas maneiras a expressão do vivo desejo de a ouvir.

— O que! Cantar, eu! Diante de si, diante de M.me Alboni, *impossibile!*

— *Cárina*...! implorava o Strakosh.

— *Impossibile! Mai!*... Ou então...

— Então?

— Ha de ser do modo que eu exigir...

— Sim! disse a condessa. Está acceite.

— Havemos de jogar o jogo das escondidas...

— Nós tres?

— Nós duas.

— O jogo das escondidas?!

— Sim, os quatro cantinhos, a cabra cega...

A Alboni, que era a pessoa mais alegre do mundo, não se poude ter de riso pelo disparate d'aquella idéia, e por ver a expressão de semblante do fanatico Strakosh, que se fazia verde, amarello, e carmezim, á proporção que a condessa Pepoli trilava as suas argentinas gargalhadas.

— Adelina!...

— Nada mais! replicava a pequena a rir, a rir tambem... a rir...

Póde fazer-se idéia do que seria esse momentoso jogo das escondidas, se nos lembrarmos da corpolencia da Alboni... Corriam uma atraz da outra, *zig, zag*, aqui te apanho, acolá te agarro, *zás, tráz, piff, paff*, lá se esconde, lá vem, agarrei-te, ainda não, fugiste...

N'isto a Patti, sempre a rir, o que servia apenas para a denunciar, mette-se debaixo da cama.

A Alboni, coitada, estacou!

Ir busca-l-a alli, ella, tão gorda; impossivel!

Mas, havia um recurso. Era não a deixar sahir.

Encostou-se á cama, estabeleceu, mercê do seu corpanzil montanhoso, uma muralha temivel, formidavel, e intimou-lhe, como condição expressa para voltar ao mundo e sahir debaixo da cama, o cantar...

— *Canta addesso!*

— *Má*...

— Canta!

Ella cantou então, adoravelmente, o rondó da *Somnambula*, trecho seu predilecto, e com o tempo o seu maior triumpho.

Quando ella sahiu debaixo da cama, a Alboni cobrindo-a de beijos e abraçando-a com um frenesi de enthusiasmo, intimou-lhe para cantar em um concerto que havia de realisar-se d'alli a uma semana.

Tudo isto, palavra mais palavra menos, é historico, e—mais raro ainda—é exactissimo, o que poucas vezes succede... com o que é historico!

JULIO CESAR MACHADO

UM PASSADO TENEBROSO

(ROMANCE PELO AUCTOR DA HEROINA DO MAL)

(*Continuado de pag.* 152)

E, como para isso contava unicamente com o talento de René Morlant, ficou prostrado com a noticia que recebera de Bruxellas.

Entretanto annunciaram-lhe a visita de um rapaz elegante, sympathico, de vinte e cinco annos pouco mais ou menos, cujas primeiras palavras lhe produziram optima impressão.

— Não me reconhece, coronel? Sou Julio Barthenay, servi debaixo das suas ordens; e pertenci á companhia do capitão Delcroix, que me mandou aqui.

— Delcroix! E como está elle?

— Optimo; encarregou-me de entregar esta carta ao coronel.

Heitor Valenson leu a carta, e exclamou:

— Até que emfim! tenho provas.

— E provas evidentissimas, como vae vêr, respondeu o militar, dando ao coronel um masso de papeis.

O amputado passou-os pelos olhos e disse:

— E' a sentença de morte d'aquelle traidor, d'aquelle infame espião. Desgraçadamente não o podemos prender, porque está na Belgica.

— Não tem duvida. Meus dois irmãos morreram por causa d'elle, e estou resolvido a castigal-o por minhas mãos. Diga-me em que parte da Belgica vive esse miseravel, e eu parto immediatamente.

— Seja prudente... Passe hoje o dia comigo, e eu lhe darei uma carta para um amigo meu, advogado distincto, cujo plano é obrigar o espião e o seu cumplice a voltarem para França.

Julio Bartheney assim fez, e só d'ahi a dois dias é que se apresentou a René Morlant com os documentos, que lhe eram enviados pelo homem sem pernas.

Ainda levava outro encargo o moço militar; incumbir João Rotentout de alugar uma casa para seu amo passar algum tempo em Bruxellas com a viuva Péchel.

VI

René Morlant estava convencido de que Donaciano e San Marco eram os mandantes do crime, de que elle ia sendo victima. Não lhe convinha entregal-os á justiça sem poder provar o attentado, e por isso o caso de Beersel pouco barulho produziu.

O joven official francez assistiu á conferencia do advogado com a viscondessa de Monaville e Zelia Martinpré. Quando sahio murmurou estas palavras:

— Que similhança!... E ella, quando me viu, parece que estremeceu... nada! é impossivel!

Zelia tambem notou que a presença da afilhada produziu impressão no advogado. Justa impressão, porque era filha do dó que lhe inspirava a pobre senhora, e porque René Morlant tinha a escolher um dos dois caminhos: ou occultar a verdade para se desmentir depois, ou pintar cruamente á desgraçada rapariga o abysmo, em que se afundára. Como homem franco e leal não hesitou: seguio o ultimo expediente.

— Minha senhora, disse elle, concluindo as suas reflexões, a primeira lei da doutrina evangelica é a resignação, que, além de tudo, não exclue a esperança. Comprehendo quanto lhe é doloroso este sacrificio, mas Deus lh'o levará em conta. Por em quanto nada se póde fazer, senão ter resignação. Uma separação legal: baseada em que? Uma separação de facto: como havemos de justifical-a aos olhos do mundo, aos olhos de seu marido, que é bom e carinhoso com a esposa?... Espero que o tempo se encarregará de restituir a sua liberdade sem desdoiro para a sua honra.

— E' nobre a sua linguagem, retorquio Paulina; mas expõe-me a um viver horrivel... a uma vida de hypocrisia... oh! não, antes...

— Então; não te exaltes, acudio a madrinha... O senhor advogado fallou como um livro aberto... é preciso não deitar tudo a perder.

As palavras de Zelia Martinpré dissiparam o receio, que nutria René Morlant, de que Paulina por alguma imprudencia fosse despertar ao marido a ideia de abandonar Bruxellas, e escapar talvez para sempre á acção da justiça.

Ao sahir da conferencia, no meio da mais atroz perplexidade de espirito, Paulina viu á porta Julio Barthenay, que depois de comprimental-a, repetiu de novo: Que similhança!... mas não, é impossivel!

Quando Zelia e a afilhada regressaram a casa dos Desherbiers, encontraram Paulo Gibraltar, e acharam o velho abatidissimo.

— Minha filha, disse o avô, estou decidido a sahir d'esta maldicta cidade e voltar para Meudou... Faze tu o que quizeres com teu marido, mas fica sabendo que a minha resolução é inabalavel.

VII

Esta resolução, e a visita de Paulo Gibraltar ainda mais aggravaram a posição da viscondessa. Ia ficar só em Bruxellas com o marido e...

Zelia estava tambem muito embaraçada. Sabia as razões, que actuavam no animo de Desherbiers, e desconfiava que Donaciano reputava Paris um logar perigoso para a sua vida.

Porém, quando Paulina se encheu de coragem para pedir ao avô que ficasse em Bruxellas, disse-lhe elle:

— Paulo Gibraltar fez-me propostas tão extraordinarias, que resolvi sahir d'esta cidade; mas como elle jurou contar tudo a teu marido, não terei remedio senão comprar o silencio do digno amigo de teu irmão, em troca de um papel, que lhe não permitta recomeçar as suas manobras. Agora dize francamente: teu marido ainda é o mesmo para ti? Parece-me um pouco frio.

— Anda muito preoccupado com os negocios da bolsa.

— Estimo; porém quasi nunca está em casa, e dizem-me que trata com gente muito exquisita. Vê tu se o desvias d'esses amigos, e se o fazes entrar nos antigos habitos.

Pouco depois chegaram o visconde e San Marco. Foram para um gabinete e começaram a fallar tão alto, que Paulina ouviu estas palavras:

— Tens a certeza de que era elle? perguntou Donaciano.

— Tão certo como estarmos aqui.

— Como demonio teria René Morlant desencantado aquelle biltre?

— Ora essa! E Valenson?

— Valenson não poude conhecer Julio Barthenay durante a guerra; por consequencia, se foi elle, que tu viste, não devemos temer a sua estada aqui..

— Sempre é bom que nos acautelemos.

— Qualquer que seja a terra, para onde fujamos, René Morlant ha de descobrir-nos, e como tenho necessidade de ficar em Bruxellas, fiquemos.

— E tua mulher?

— Diabos a levem! Tenho a certeza de que tambem conspira contra mim.

— Se quizesses entender-te com Gibraltar, podias lucrar muito.

— Pois, sim; mas que me importa o que Gibraltar póde contar? A minha questão não era d'amor, nem de honra; era simplesmente de dinheiro. Consegui o meu fim... nada tenho com o resto.

Eis a conversação que Paulina ouvio.

VIII

João Rotentout, em cumprimento das ordens de seu amo, escolheu no bairro de Ixelles uma casa nas condições exigidas, e participando a descoberta a Heitor Valenson, recebeu o seguinte telegramma: «Alugue seja qual fôr o preço, e mande mobilar como entender.»

Oito dias depois estava o homem sem pernas na sua nova habitação, e no dia seguinte foi visitado pelo seu amigo René Morlant.

O ex-commandante dos franco-atiradores pediu ao advogado que viesse morar em sua companhia; porém este respondeu que lhe convinha continuar em casa de Celestina de Trênoy.

O advogado para certificar-se bem da identidade de Claudio Péchel, informou-se da hora a que sahia o visconde, e mandou-o espreitar n'uma esquina por Julio Barthenay e Anna Péchel. A velha porém declarou, que o tal sujeito dava ares do sobrinho, mas que não suppunha que fosse elle. O militar reconheceu immediatamente o homem, que tendo-se apresentado como simples voluntario entre os franco-atiradores, abusara da confiança, que n'elle depositaram os seus bravos companheiros.

A viscondessa sahia raras vezes, e demorava-se pouco; mas tendo Donaciano sahido com um saco de viagem, dizendo que ia á Hollanda e que se demorava tres dias, foi ella em companhia de Zelia Martinpré á casa de René Morlant, e como o não encontrassem, dirigiram-se á habitação do amputado.

Esta habitação era precedida de um muro com uma porta de grades, que estava aberta de par em par. Entraram. Zelia bateu umas poucas de vezes; ninguem appareceu.

— Naturalmente os creados sahiram, disse ella. Não importa; entremos, eu sou de casa.

Chegaram ao corredor, no fundo do qual estava o quarto do homem sem pernas, que por via da regra estava sentado na sua cadeira de rodas, deante do lume. Antes do quarto havia uma sala atapetada.

As duas senhoras iam atravessando a sala, quando ouviram de repente um ruido estranho, acompanhado de um grito afflictivo

Correram, e o que viram?

Heitor Valenson cahindo, com as mãos para deante, na direcção do fogão, em que ardiam enormes achas de lenha; pareceu-lhes ao mesmo tempo que se abria uma janella.

IX

Logo que tiveram conhecimento da estada de Heitor Valenson em Bruxellas, San Marco e Donaciano empregaram um optimo systema de espionagem e souberam de todo o seu modo de vida, e da residencia em sua casa de Anna Péchel e Bartheney.

Avaliando o perigo, em que se achavam, o italiano apresentou ao amigo a ideia de matar o amputado, e para isso foi ter com Vital Malescot.

San Marco, que fôra agente da policia secreta no seu paiz e depois na França, era habilissimo nas

transformações physicas. Disfarçou completamente o rosto e a figura do antigo forçado, que só esperava occasião propicia para commetter o novo crime. A difficuldade porém era encontrar essa occasião. Soube-se que Barthenay e Rotentout iam todos os dias á cidade e que Anna Péchel, quando ambos estavam fóra, costumava ir dar á lingua com uma cosinheira da visinhança, demorando-se bastante.

O malfeitor, vendo com os seus proprios olhos sahirem todos, quiz entrar pela porta principal; mas vacillou. Porém a occasião era tão boa! Saltou o muro do jardim, situado por traz da casa, contando encontrar aberta uma porta que deitava para esse lado.

O scelerado tinha decidido fugir pela janella em caso de necessidade, e fel-o com a dextreza de homem acostumado a este genero de exercicios.

Heitor Valenson escapou por uma circumstancia providencial. Paulina e Zelia Martinpré levantaram-no, tendo apenas algumas contusões e uma pequena queimadura na mão esquerda.

Quando recuperou os sentidos, não poude explicar o que lhe acontecera; mas dizendo-lhe as duas senhoras que tinham ouvido um barulho, e notando que a janella estava aberta, suspeitou logo que era tudo um plano urdido e executado com rara habilidade.

René Morlant foi avisado do acontecimento, e podia satisfazer-lhe o desejo senão d'ahi a dois mezes.

Contrariado com esta decisão, voltou a Bruxellas, e dirigiu-se logo a casa do italiano para saber como correra o attentado contra Valenson. San Marco tinha sahido, e o visconde encaminhou-se para o café dos Tres Suissos na esperança de o encontrar, e bem assim alguns rapazes da sociedade elegante e endinheirada, com quem travara relações havia pouco tempo.

Tambem lá não estava o italiano; mas o accaso que levara Julio Barthenay ao café dos Tres Suissos, fel-o sentar n'uma meza defronte da que occupava Donaciano; os olhares d'estes dois homens en-

UM PASSADO TENEBROSO—Em perigo de morte.

Momentos depois estava no corredor, com a certeza de uma retirada em caso de perigo.

San Marco chegára a saber não só todos os cantos da casa, mas as particularidades mais pequenas da vida de Valenson. Não ignorava até que elle, muito friorento, estava sempre sentado na cadeira de rodas defronte do fogão, em que só ardiam achas de pinho.

Malescot descalçou os sapatos, abriu devagar a porta da sala contigua ao quarto, e foi de gatas até á cadeira do infeliz amputado, que estava entregue a profundas meditações. Voltou-a de repente, e Valenson cahio para deante, como vimos.

Mas ao mesmo tempo ouviu-se um ruido.

veio logo a casa do amigo. A exposição dos factos não o convenceu de que fôra uma tentativa d'assassinio—tão barbara se lhe affigurava, e tão contraria á ordem natural das coisas. Attribuio tudo a um acto involuntario de Valenson. Este porém persistiu na sua opinião de que era um crime.

X

Donaciano não enganou a mulher dizendo que sahia de Bruxellas por tres dias; mas não foi á Hollanda, e sim a Colonia, onde, no fim de dois dias de espera, recebeu uma carta de Berlim participando-lhe que a pessoa, com quem elle queria fallar, não

contraram-se, e não se póde descrever o que sentiram ambos.

Quando os amigos se levantaram, o visconde de Monaville cobrou alma nova julgando-se livre da presença do brioso militar.

Julio Barthenay seguio-o com os olhos, e luctava por conter o odio, que o dominava. Depois de muitos esforços sahio precipitadamente, e vendo Donaciano e os companheiros postados debaixo de um candeeiro de gaz, foi direito a elle, e bateu-lhe no hombro com a mão tremula de raiva.

(*Continua*).

Typ e lit. Portugueza, Calçada do Tijolo, 39, (á Rua Formosa)